

Famílias abandonam doentes em hospitais

Ana Cristina Gonçalves

As explicações são muitas mas na verdade é difícil entender o que pode levar uma família a abandonar um parente num hospital, deixá-lo morrer e ser enterrado como indigente. Esse tipo de caso é comum nos hospitais da rede pública, principalmente no Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF). São mendigos encontrados feridos pela polícia ou Corpo de Bombeiros, doentes crônicos ou com lesões na medula. Alguns estão aguardando vaga no Hospital Sarah Kubitschek, mas a maioria veio de outro estado e mesmo depois de ter alta ficam aguardando que o serviço social encontre seus parentes. Isso pode durar meses.

Diariamente, de acordo com o chefe da emergência do HBDF, Celso Antônio da Silva, estacionam na porta do hospital ambulâncias de outros estados, principalmente do Entorno, deixando doentes para tratamento. Alguns, como no caso dos lesados medulares (com problema na coluna que pode resultar em perda dos movimentos das pernas e dos braços) não precisariam ficar internados no HBDF, pois somente o Sarah Kubitschek trata este tipo de doença. "Mas o fato de estarmos fisicamente mais perto do Sarah, médicos de todo País mandam essas pessoas para cá, enquanto aguardam uma vaga", explicou.

O tempo de espera dos pacientes

Pacientes ocupam 5% dos leitos

Dos setecentos leitos do Hospital de Base cinco por cento estão ocupados com pacientes em condições de receber alta mas que não têm para onde ir ou como voltar para casa. De acordo com o diretor do HBDF, Lairson Rabelo, a maioria dessas pessoas tem doenças graves mas não necessita do ambiente hospitalar, podendo fazer o tratamento da enfermidade em casa. "Mas são rejeitados pela família, que não querem recebê-los, ou não tem condições de pagar passagem para vir até Brasília, pois moram longe", explicou.

Foi o que aconteceu com uma paciente (que o hospital preferiu não divulgar o nome) com câncer ginecológico, que morreu há três meses no HBDF. De acordo com Lairson Rabelo a paciente ficou ao todo seis meses "morando" no hospital, até que a doença se generalizasse e a levasse à morte. "Ela veio para cá com um parente, que ganhou a passagem só para vir de um político", contou o diretor. Como o tratamento da mulher seria demorado, o familiar voltou para sua cidade de origem, Floriano, no Piauí, que fica a mais de mil 500 quilômetros de distância do DF. Como ela não seria curada e foi desenganada pelos médicos, o hospital começou a providenciar sua volta para casa.

No caso dessa paciente o serviço social chegou a localizar os parentes, que alegaram não ter dinheiro para buscar a mulher. Mas mandá-la sozinha se tornou um problema, porque de avião ela iria somente a Teresina, que fica a 600 quilômetros de Floriano e de ônibus ela não poderia, pois era uma paciente em estado terminal. "Ela foi ficando por aqui, sendo acompanhada pelos médicos e quatro meses depois morreu", contou Lairson Rabelo. Como a família também não veio buscar o corpo, foi enterrada como indigente aqui mesmo em Brasília.

Novo hospital atenderá crônicos

Somente com a inauguração do Hospital de Apoio o problema de pacientes crônicos que ficam internados muito tempo nos hospitais será amenizado. Entretanto, a obra foi iniciada em 1982 e ainda não foi concluída. No ano passado o governador Joaquim Roriz retomou a obra, que poderá ficar pronta em dezembro próximo, faltando apenas os equipamentos. Ele funcionará no Setor de Áreas Isoladas Norte, próximo do Departamento de Zoonoses, onde funciona o canil.

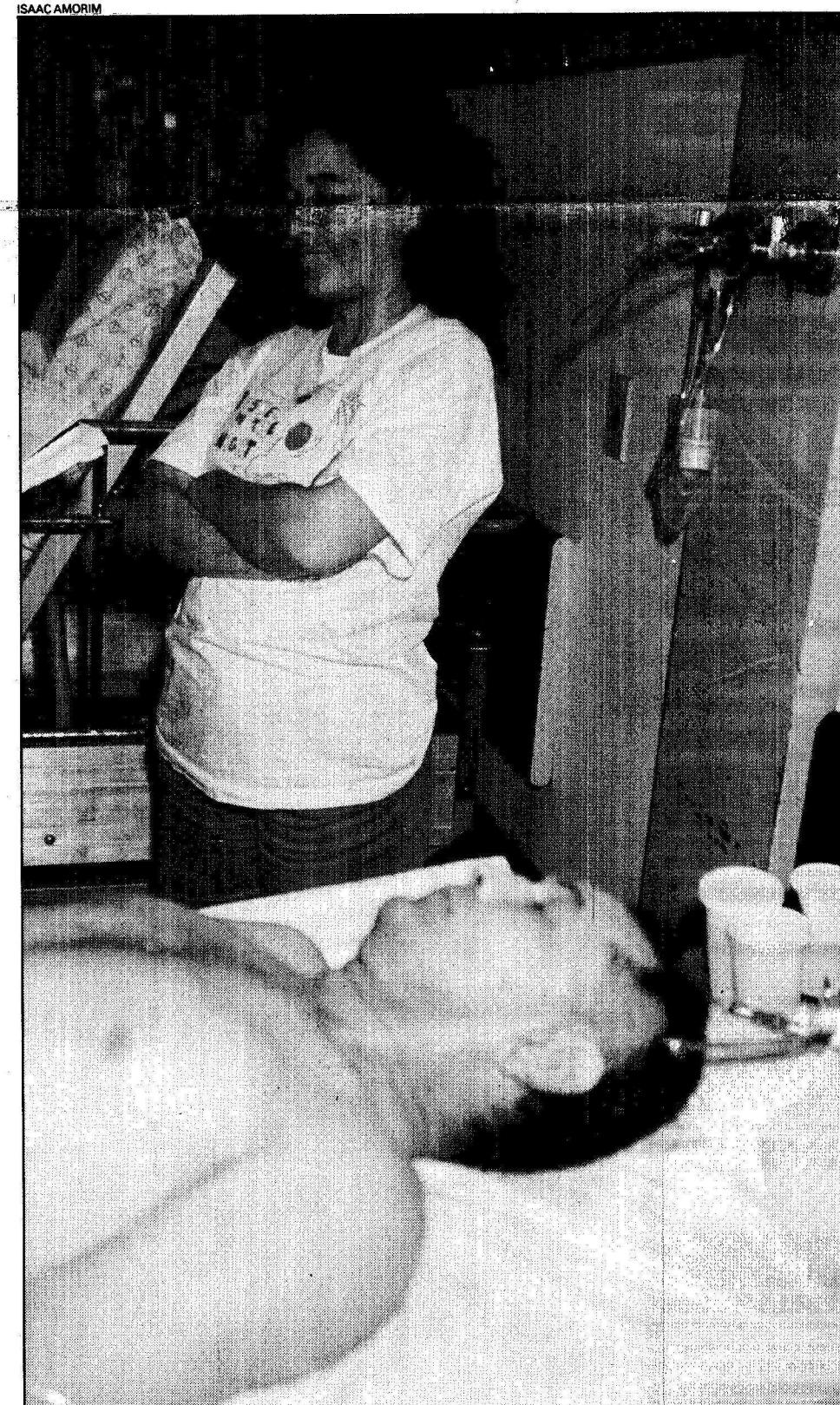
O Hospital de Apoio receberá exatamente o doente abandonado ou rejeitado pela família, além daqueles que realmente necessitam do ambiente hospitalar, como os doentes

com lesões na medula no HBDF pode ser de até 60 dias, uma vez que o Sarah tem apenas 57 vagas e é referência para tratamento de doenças no aparelho locomotor de todo o País. Além de ocupar um leito que está sendo esperado por doentes mais graves, o paciente com lesão na coluna é oneroso para o hospital, pois sua alimentação é cara e ele se torna dependente de uma enfermeira para lhe alimentar e dar banho. "Esse tipo de atendimento, apenas para colocar comida na boca do doente e lhe dar banho, pode ser feito pela família, em casa, já que ele não depende de cuidados médicos".

Custos — Apenas com alimentação o HBDF gasta por dia CR\$ 2 mil 535 para cada paciente. Atualmente existem quatro lesados medulares na emergência aguardando transferência para o Sarah, o que representa um gasto mensal de CR\$ 304 mil 200. Esse custo é aumentado em 50 por cento, de acordo com o chefe da emergência, se considerado o tempo gasto pelos enfermeiros, medicamentos, roupa de cama, entre outros itens. "O pior é que mensalmente temos de três a cinco pacientes desse tipo, ocupando leito de outro doente", informou o chefe da emergência. A emergência do HBDF tem 16 leitos e na semana passada estava com 30 pessoas internadas e apenas uma enfermeira e quatro auxiliares de enfermagem.



O Hospital de Base tem 5 por cento dos seus leitos ocupados por pacientes que tiveram alta mas não têm para onde ir



Lairson: famílias rejeitam o doente

Social — O HBDF reserva uma verba para o serviço social, que é destinada exatamente para a compra de passagens para pessoas carentes. Entretanto, a procura do hospital por doentes de outros estados faz com que a verba seja insuficiente. No mês de outubro foram repassados CR\$ 100 mil que, segundo Maria Gorete Carvalho, do Serviço Social do HBDF, não deu para metade das necessidades. "Além dessas pessoas que precisam voltar em ônibus interestaduais, ainda temos de comprar vale-transporte para os carentes de Brasília que precisam fazer radioterapia", informou. Apenas a prefeitura de Unaí, segundo ela, manda o doente de ambulância e a passagem para ele retornar quando tiver alta.

Asilos recebem os indigentes

Outro tipo comum de paciente com alta nos hospitais sem ter para onde ir são os mendigos. Encontrados nas ruas e levados feridos ou desacordados pelos bombeiros ou policiais, eles ficam muito mais tempo que o necessário ocupando um leito hospitalar. É o caso de um homem branco, olhos azuis, estatura média, aparentando 40 anos que está no posto seis da Emergência desde o último dia 14 de outubro. O homem não sabe dizer seu nome nem se tem casa e deverá ser levado para um asilo.

Antes disso porém, o Serviço Social da Emergência tentou de tudo para achar pistas sobre a identidade do homem que as enfermeiras chamam de "João". Sua fotografia foi divulgada pela imprensa junto com uma convocação para quem o conhecesse procurasse o HBDF. "Algumas pessoas ligaram dizendo que ele vendia fruta na beira de uma estrada, mas não era a mesma pessoa", contou o chefe da Emergência, Celso Antônio da Silva. Até mesmo o Instituto de Identificação foi acionado para tentar identificar "João" através de suas digitais, mas ele não é do Distrito Federal. "Estamos tentando contato com outros estados para identificá-lo, mas é muito difícil", admitiu o chefe da Emergência, que procura um asilo para o homem.

Paralítico — Outro paciente que deverá ficar mais um mês internado no HBDF até que seja encontrada uma solução para seu caso é Teotônio Dionísio da Silva, de 62 anos. Ele caiu do cavalo numa fazenda perto da cidade de Riachão das Neves, na Bahia e teve traumatismo na coluna. Os médicos de Barreiras, também na Bahia, o enviaram para o HBDF para aguardar ser atendido no Sarah. Acontece que somente no dia 29 de novembro ele será transferido para o Sarah, ficando todo esse período apenas se alimentando e com uma tração na cabeça para que a lesão não piore.

"Esse paciente poderia ter ficado internado em sua cidade natal, enquanto os médicos marcariam a consulta no Sarah e somente na época o enviariam para Brasília", explicou o chefe da Emergência do HBDF. Outro problema, segundo ele, é que o paciente tem condições de voltar a andar, pois o acidente não foi grave, mas se ele ficar muito tempo numa cama poderá agravar o trauma na coluna e perder definitivamente os movimentos das pernas e braços. Segundo a filha do paciente, Ana da Silva Oliveira, que mora em Formosa, os familiares estão tendo dificuldades em vir visitar Teotônio da Silva todos os dias.



O Hospital de Apoio, em construção desde 1982, receberá pacientes crônicos